



Porco é porco

ELLIS PARKER BUTLER

Pigs is Pigs (1905)

Tradução: Ricardo Giassetti

Edição bilingue: PT/EN

Distribuição gratuita

mojo.org.br

Porco é Porco

Ellis Parker Butler

mojo^{.org}



CONHECER UM MUNDO EXTRAORDINÁRIO NA VIDA
É DIREITO DE TODOS.

LUTAMOS PELO DIREITO E ACESSO IRRESTRITO AOS
BENS DO DOMÍNIO PÚBLICO.

Este livro é o resultado de muitas horas de trabalho dos colaboradores e voluntários do Instituto Mojo de Comunicação Intercultural e seus parceiros. O objetivo deste projeto é traduzir e editar obras extraordinárias do mundo todo — que muitos também chamam de “clássicos” — e outras, que nos ajudem a entendê-las melhor — artigos, ensaios acadêmicos, teses etc. Nossas edições digitais são bilíngues e gratuitas e podem ser encontradas no site www.daop.org.br, livres para serem compartilhadas.

Que você faça o bem e não o mal.

Que você seja perdoado e que perdoe aos outros.

Que você compartilhe livremente, nunca tomando mais do que está dando.

As obras em Domínio Público, embora sejam de livre acesso, precisam ser adaptadas para outros idiomas. Peter Pan fala inglês, Pinocchio fala italiano, *20 mil léguas submarinas* está em francês. São obras que nos ensinam a entender o ser humano, seu caráter, suas falhas e nos dão um repertório enfrentar adversidades. Não existem melhores motivos para empregar esforços e torná-las livres da barreira da língua. A democratização do Domínio Público é um dever de todos os cidadãos, instituições e governos — no mundo todo.

CLUBE DO LIVRO PARA LEITORES
EXTRAORDINÁRIOS

domínio
ao público



APOIE COMPRANDO OU LEIA DE GRAÇA
www.mojo.org.br

Porco é Porco

Ellis Parker Butler

Tradução: Ricardo Giassetti

Porco é Porco

Mike Flannery, o agente da Companhia Ferroviária Intermunicipal de Westcote, debruçou-se sobre o balcão do escritório e fechou os punhos. O sr. Morehouse, furioso e vermelho, estava do outro lado, tremendo de raiva. A discussão havia sido longa e agressiva, deixando o sr. Morehouse sem palavras. A razão do problema estava sobre o balcão, entre os dois homens. Era uma caixa de sabão sem a tampa, com a abertura trespassada por várias tiras, formando uma gaiola tosca, mas que servia a seu propósito. Dentro dela havia dois porquinhos-da-Índia devorando folhas de alface.

— Ué! Faz do jeito que ‘cê quiser, então! — gritou Flannery. — Ou paga por eles e leva eles, ou não paga e deixa eles aqui. Regra são regra, sr. Morehouse. O Flannery aqui não é do tipo que quebra elas.

— Mas isso é uma imbecilidade sem tamanho! — gritou o sr. Morehouse, sacudindo um livreto debaixo do nariz do agente. — Por acaso, você não sabe ler nem as taxas que estão impressas aqui? “Animais de pequeno porte, domésticos, de Franklin a Westcote, em caixas de transporte adequadas, vinte e cinco centavos cada” — e jogou o livreto no balcão contrariado. — O que mais você

quer? Não são de pequeno porte? Não são domésticos? Não estão em caixas de transporte? Hein?

Ele se virou e caminhou nervosamente de um lado para o outro, com o rosto todo franzido.

De repente, voltou-se para Flannery e, com um tom de voz artificialmente calmo, falou devagar, mas com muito sarcasmo:

— Pequeno porte — disse. — Pe-que-no! Vinte e cinco centavos cada. Tem dois aqui. Um! Dois! Duas vezes vinte e cinco é cinquenta! Conseguiu entender? Vou pagar cinquenta.

Flannery pegou o livro, correu os dedos pelas páginas e parou na 64.

— Mas eu não aceito cinquenta — sussurrou provocativo. — Tá aqui a regra pra isso. “Quando o agente tiver alguma dúvida sobre qual taxa aplicar à encomenda, deve escolher a maior. O destinatário pode registrar uma reclamação por sobretaxa.” Nesse caso, sr. Morehouse, eu tô em dúvida. Pode até chamar de animais doméstico de pequeno porte, mas tenho certeza que eles são porco e as regra são bem clara: “Porco, Franklin para Westcote, trinta centavos cada.” E pela minha intiligência matimática, sr. Morehouse, duas vezes trinta é sessenta.

O sr. Morehouse sacudiu a cabeça violentamente.

— Absurdo! — berrou. — Isto é um disparate, rapaz! Seu estrangeiro ignorante infeliz, essa regra se aplica a porcos. Porcos domésticos! E não a porquinhos-da-Índia!

Flannery era teimoso.

— Porco é porco — declarou com firmeza. — Porquinho-da-Índia, porco galego ou porco irlandês é tudo porco para a Companhia Ferroviária Intermunicipal e para o Mike Flannery. A nacionalidade do porco não muda a taxa, sr. Morehouse! Dá no mesmo, não interessa se o porco holandês ou russo. Mike Flannery — concluiu — está aqui pra cuidar dos negócio da ferrovia e não pra ficar de conversa mole pra descobrir se o porco nasceu na China ou na Cochinchina.

O sr. Morehouse hesitou, mordeu seus lábios e então levantou os braços enlouquecido.

— Muito que bem! — gritou. — Vai ouvir falar de mim! O seu presidente vai ouvir falar mim! É uma vergonha! Ofereci cinquenta. Você recusou! Fique com os porquinhos até aceitar cinquenta, mas dou minha palavra, meu senhor, se um só pelo desses porquinhos estiver fora do lugar, vou processar você!

Após essa ameaça, ele se virou e saiu à toda, batendo a porta. Flannery retirou cuidadosamente a caixa do balcão e a colocou em um canto. Não estava preocupado, pois sentia a tranquilidade que um funcionário fiel sente ao cumprir — e cumprir bem — seu dever.

O sr. Morehouse foi para casa bufando. Seu filho, que esperava pelos porquinhos, achou melhor não perguntar nada. Era um garoto comum e, portanto, sempre achava que a braveza do pai era culpa sua. Assim, o menino ficou quieto pelos cantos da casa. Não há calmante melhor para uma consciência pesada do que ficar fora do caminho de seu inimigo. O sr. Morehouse entrou em casa gritando para a esposa:

— Cadê a caneta? — Assim que seu pé cruzou a soleira da porta.

A sra. Morehouse se assustou e também se sentiu culpada. Ela nunca usava caneta. Não sabia onde estava, nem tinha mexido, sequer havia pensado nela, mas o tom de seu marido a condenava por ter parido e criado o menino. Sabia que sempre que seu marido pedia algo aos berros era porque o filho devia ter mexido.

— V-vou procurar o Sammy — respondeu humildemente.

Quando a caneta foi encontrada, o sr. Morehouse escreveu rapidamente, leu a carta ao terminá-la e sorriu triunfante.

— Isto vai colocar aquele irlandês maluco no seu devido lugar! — exclamou. — Quando receberem esta carta, ele vai ter de arrumar outro emprego!

Uma semana depois o sr. Morehouse recebeu um envelope oficial com a marca da Companhia Ferroviária

Intermunicipal no canto superior esquerdo. Abriu ansioso o envelope e sacou uma folha de papel. No alto estava o número A6754. A carta era curta. Dizia:

Assunto: Taxa sobre porquinhos-da-Índia.

Caro senhor, recebemos sua carta sobre a taxa para porquinhos-da-Índia entre Franklin e Westcote endereçada ao presidente desta empresa. Reclamações referentes a sobretaxas devem ser encaminhadas ao Departamento de Reclamações.

O sr. Morehouse escreveu para o Departamento de Reclamações. Seis páginas de puro sarcasmo, insultos e argumentos, e a enviou.

Algumas semanas depois recebeu uma resposta do Departamento de Reclamações. Sua última carta foi devolvida junto. Dizia a resposta:

Caro senhor, sua carta do dia 16 deste mês, endereçada a este departamento, sobre a taxa para porquinhos-da-Índia de Franklin a Westcote, está anexada. Levamos a questão ao nosso agente em Westcote e sua resposta também está anexada. Ele nos informa que o senhor se recusou a receber a encomenda ou a pagar as taxas. Portanto, o senhor não tem direito a queixas contra esta empresa e sua carta sobre

a taxa apropriada para a encomenda deve ser endereçada ao Departamento de Tarifas.

O sr. Morehouse escreveu ao Departamento de Tarifas. Explicou seu caso com clareza e expôs todos os seus argumentos, copiando algumas páginas da enciclopédia para provar que porquinhos-da-Índia não eram porcos comuns.

Com o cuidado inerente às corporações quando são conduzidas de modo sistemático, a carta do sr. Morehouse foi numerada, aprovada e seguiu os trâmites regulares. Cópias da declaração de conhecimento de carga, o inventário, o recibo de Flannery para a encomenda e o resto da papelada pertinente foram grampeados à carta. Tudo foi encaminhado ao diretor do Departamento de Tarifas.

O diretor do Departamento de Tarifas colocou os pés sobre a mesa e bocejou. Folheou os papéis distraidamente.

— Srta. Kane — disse à estenógrafa —, anote aí: “Agente, Westcote, N. J. Por favor explique por que a taxa de animais domésticos foi recusada para a referida encomenda constante nos papéis anexados”.

A srta. Kane fez diversas curvas e ângulos em seu caderno e esperou com a caneta pousada sobre a página. O diretor do departamento olhou para os papéis novamente.

— Porquinhos-da-Índia, hein? — disse. — A essa altura já devem ter morrido de fome! Escreva mais isto: “Relate a condição atual da encomenda”.

Ele jogou os papéis na mesa da estenógrafa, baixou os pés e foi almoçar.

Mike Flannery coçou a cabeça quando recebeu a carta.

— “Relate condição atual”? — repetiu pensativo. — Mas o que esses funcionários tão querendo, eu não faço ideia! Condição atual, né? São Patrício¹, esses porquinho tão com a saúde boa, até onde eu sei, mas eu nunca fui veterinário de porco galego. Talvez queiram que eu chame um médico de porco pra tirar o pulso deles. Uma coisa que eu sei bem é que têm um bom apetite pra bichos desse tamanho. Se comeram? Comeriam até o cadeado da porta do estábulo. Se os porco da Irlanda comesse desse jeito, o país passaria fome.

Para se certificar de que seu relatório estava atualizado, Flannery foi olhar o viveiro nos fundos do escritório. Os porquinhos haviam sido transferidos para um caixote de verduras.

— Um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito! — contou. — Sete malhados e um inteiro preto. Todos robusto, saudável e comendo como popótamos famintos.

Voltou para sua mesa e escreveu:

Sr. Morgan, diretor do Departamento de Tarifas,

Por que eu falo que porco galego são porco e continuam sendo é porque é o que diz no livro de regras, e pare de implicar porque você sabe

disso tão bem quanto eu. Tão todos bem de saúde e desejam o mesmo pro senhor.

P.S.: Agora tem oito na família que cresceu porque são comilões.

P.S. 2: Até agora eu já gastei dois dólar com o repolho que eles gosta. É pra pôr na mesma conta, né?

Quando recebeu a carta, Morgan, o diretor do Departamento de Tarifas, gargalhou. Depois releu e ficou sério.

— Pelos céus! — ele disse. — Flannery está certo. “Porco é porco!” Vou precisar tomar uma atitude nesse caso. Enquanto isso, srta. Kane, redija o seguinte: “Agente, Westcote, N. J. Sobre o carregamento de porquinhos-da-Índia, Caso nº A6754. Regra 83, Instruções Gerais aos Agentes, claramente define que agentes devem recolher do destinatário todos os custos alimentícios etc. etc., necessários para manter os espécimes vivos, em trânsito ou confinados. Promover recolhimento dos mesmos junto ao destinatário”.

Flannery recebeu a carta na manhã seguinte. Ao ler, sorriu.

— “Promover recolhimento” — disse em voz baixa. — Mas esses funcionário não pensa antes de falar! Eu, promover recolhimento de dois dólar e vinte cinco do sr.

Morehouse! Queria que os funcionário soubesse quem é o sr. Morehouse! Vou promover! Vou sim! “Sr. Morehouse, dois e vinte e cinco, por favor.” “Mas é claro, meu caro amigo Flannery. Será um prazer!” Não!

Flannery foi com o caminhão de entregas até a porta do sr. Morehouse. O sr. Morehouse atendeu à campainha.

— Arrá! — gritou assim que viu Flannery. — Então criou juízo finalmente, não é? Eu já esperava! Pode trazer a caixa.

— Num tem caixa — disse Flannery friamente. — Tem uma conta pro sr. John C. Morehouse pagar de dois e vinte cinco pelos repolho comido pelos porco galego. Você vai pagar?

— Pagar... Repolhos...? — gaguejou o sr. Morehouse. — Quer que eu acredite que dois porquinhos-da-Índia...

— Oito! — disse Flannery. — Papai, mamãe e seis filhinho. Oito!

A resposta do sr. Morehouse foi bater a porta na cara de Flannery, que apenas a encarou, contrariado.

— Acho que o destinatário não quer pagar pelos repolho — disse. — Conheço bem os sinal de recusa, o destinatário se recusa a pagar até por uma maldita folha de repolho e ainda fica brabo comigo!

O sr. Morgan, diretor do Departamento de Tarifas, consultou o presidente da Companhia Ferroviária Intermunicipal sobre os porquinhos-da-Índia serem de fato

porcos ou não. O presidente não quis dar demasiada atenção à questão.

— Qual a taxa para porcos e para animais de estimação? — perguntou.

— Porcos, trinta centavos. Estimação, vinte e cinco — respondeu Morgan.

— Então é claro que porquinhos-da-Índia são porcos — afirmou o presidente.

— Sim — concordou Morgan —, também vejo da mesma maneira. Uma coisa que pode ser classificada em duas classes deve ser taxada pela maior. Mas porquinhos-da-Índia são porcos? Não são coelhos?

— Já que você mencionou — disse o presidente —, acho que estão mais para coelhos. São como um meio-termo entre porco e coelho. Acho que a questão é se os porquinhos-da-Índia são da mesma família dos porcos de estimação. Vou perguntar ao professor Gordon. Ele é uma autoridade nessas coisas. Deixe a papelada comigo.

O presidente colocou os papéis em sua mesa e escreveu uma carta ao professor Gordon. Infelizmente, o professor estava coletando espécimes de animais na América do Sul e a carta foi encaminhada a ele por sua esposa. Como estava nos Andes, onde nenhum homem branco jamais havia pisado, a carta levou meses até ser entregue. O presidente se esqueceu dos porquinhos-da-Índia, assim como Morgan e o sr. Morehouse. Mas Flannery não.

Metade de seu tempo ele gastava com os afazeres da agência; na outra, cuidava dos porquinhos-da-Índia. Muito antes de o professor Gordon receber a carta do presidente, Morgan recebeu uma de Flannery que dizia:

Sobre os porco galego. O que eu faço porque a família só cresce, sem indício de morte, já tem trinta e dois e acho que vou vender alguns para manter o escritório de entrega em ordem. Responde rápido.

Morgan pegou um formulário de telegrama e escreveu:
Agente, Westcote. Não vender porquinhos.

Depois escreveu uma carta a Flannery chamando à atenção o fato de que os porquinhos não eram propriedade da empresa, pois somente estavam sendo armazenados enquanto a disputa sobre o valor das taxas não fosse resolvida. Aconselhou Flannery a cuidar deles da melhor maneira possível.

Flannery, com a carta em punho, olhou para os porquinhos e suspirou. A gaiola de caixa de verduras tinha ficado pequena. Pregou seis metros de tábuas no fundo do escritório para fazer um lar maior e mais ventilado para os porquinhos. Depois foi trabalhar. Trabalhou incansavelmente até depois de seu horário, pois os animais demandavam atenção e quase todo o seu tempo. Meses depois, em desespero, pegou uma folha de papel, escreveu

nela “160” e a enviou para Morgan. Morgan respondeu pedindo uma explicação. Flannery explicou:

Agora tem cento e sessenta porco galego. Pelo amor de Deus me deixa vender alguns, ou você quer me ver louco?

Morgan reiterou em outro telegrama:

Não vender porquinhos.

Pouco tempo depois, o presidente da companhia recebeu a resposta do professor Gordon. Era uma carta longa e cheia de academicismos, mas basicamente dizia que o porquinho-da-Índia era um *Cava aparoea*, enquanto o porco comum pertencia ao gênero *Sus*, da família *Suidae*. Apontou ainda que se tratava de uma espécie muito prolifera e que se multiplicava rapidamente.

— Não são porcos — o presidente afirmou a Morgan, enfático. — Portanto, deve-se aplicar a taxa de vinte e cinco centavos cada.

Morgan fez as anotações necessárias na papelada que se acumulava sobre o Caso A6754, e a enviou ao Departamento de Auditoria. Após o tempo necessário para analisar a questão e depois do atraso normal, o Departamento de Auditoria escreveu a Flannery que, como ele tinha cento e sessenta porquinhos-da-Índia, de propriedade do destinatário, deveria entregá-los e cobrar a taxa referente a vinte e cinco centavos cada.

Flannery levou o dia todo separando seus pequenos hóspedes por uma pequena abertura na gaiola para poder contar todos. Ao terminar a contagem, escreveu:

Departamento de Auditoria, esse número de cento e sessenta porco galego já era, acorda porque já é muito mais. Agora tem oitocentos! É pra cobrar por oitocentos, né? E os sessenta e quatro dólar que já gastei de repolho?

Foi necessário um grande número de cartas irem e virem para que o Departamento de Auditoria entendesse o motivo pelo qual a contagem havia passado de cento e sessenta para oitocentos porquinhos. Também gastou-se muito mais tempo para entender o significado de “repolho” na mensagem.

Flannery estava condicionado a poucos metros na parte frontal do escritório. Os porquinhos tomavam todo o espaço restante e dois meninos foram contratados para cuidar deles em período integral. Um dia após a contagem dos oitocentos porquinhos-da-Índia já haviam nascido mais oito. Quando o Departamento de Auditoria autorizou a cobrança pelos oitocentos, Flannery já tinha desistido de atender, receber ou entregar outras encomendas. Passava todo o tempo construindo galerias em volta do escritório, fileira sobre fileira, sem poder parar. Afinal, eram quatro mil e sessenta e quatro porquinhos-da-Índia para cuidar! E diariamente nasciam mais.

Imediatamente após a autorização, o Departamento de Auditoria enviou outra carta, mas Flannery estava ocupado demais para abri-la. Mandaram mais uma e depois telegrafaram:

*Erro na cobrança de porquinho-da-Índia.
Receber por dois porquinhos-da-Índia.
Cinquenta centavos. Entregar todos ao
destinatário.*

Flannery leu o telegrama e festejou. Preencheu a nota tão rápido quanto seu lápis permitiu e correu direto para a casa do sr. Morehouse. Estancou na frente do portão. A casa olhava para ele com olhos desocupados. Não havia cortinas nas janelas e dava para ver que os cômodos estavam vazios. A placa no alpendre dizia: “Vende-se”. O sr. Morehouse havia se mudado! Flannery correu de volta ao escritório. Sessenta e nove porquinhos-da-Índia haviam nascido em sua ausência. Saiu correndo novamente e, aflito, perguntou em toda a cidade. O sr. Morehouse não apenas havia se mudado de casa, mas deixara Westcote. Flannery voltou ao escritório da ferrovia e descobriu que mais duzentos e seis porquinhos-da-Índia haviam chegado a este mundo desde que saíra. Escreveu outro telegrama para o Departamento de Auditoria:

*Impossível cobrar cinquenta por dois porco
galego do destinatário porque deixou a cidade*

endereço desconhecido. E agora, o que é que eu faço? Flannery.

O telegrama foi entregue a um dos funcionários do Departamento de Auditoria que, ao ler, gargalhou:

— Esse Flannery deve ser louco. Ele deveria saber que nesse caso o procedimento é enviar a encomenda para cá — disse o funcionário.

Telegrafou dizendo que Flannery enviasse os porquinhos para o escritório central da empresa, em Franklin.

Assim que Flannery recebeu o telegrama, pôs-se a trabalhar. Os seis garotos contratados para ajudá-lo também entraram na labuta. Trabalharam com uma pressa desesperada, fazendo gaiolas de caixas de sabão, caixas de biscoitos e caixas de todos os tipos. As gaiolas eram enchidas de porquinhos-da-Índia assim que ficavam prontas e eram enviadas pelo expresso para Franklin. Dias a fio as gaiolas de porquinhos-da-Índia fluíam em uma sequência infinita de Westcote para Franklin. Mesmo assim, Flannery e seus seis ajudantes batiam, pregavam e empacotavam sem descanso. Todos suando em bicas. Ao final da semana duzentos e oitenta gaiolas de porquinhos-da-Índia foram despachadas e ainda sobravam no escritório da ferrovia outros setecentos e quatro porquinhos-da-Índia nascidos desde que começaram o encaixotamento.

Chegou um telegrama para Flannery:

Pare de mandar porquinhos. Armazém cheio.

Ele parou de engaiolar somente para escrever de volta:

Num dá.

E continuou a enviar. No próximo trem de Franklin veio um dos inspetores da empresa. Ele tinha instruções de bloquear o fluxo de porquinhos-da-Índia a qualquer custo. Quando seu trem parou na estação de Westcote, ele viu um vagão para cargas vivas parado ao lado da agência da companhia. Ao chegar ao escritório, viu que o vagão estava lotado até o alto. Seis garotos traziam cestos cheios de porquinhos-da-Índia de dentro do escritório e os despejavam no vagão. Lá dentro, Flannery, sem casaco nem colete, empurrava porquinhos para dentro das cestas com uma pá de carvão. Queria encerrar o episódio dos porquinhos-da-Índia.

Olhou para o inspetor e fungou de raiva.

— Mais um vagão carregado e eu me livro deles. E nunca mais Flannery vai querer saber de porco estrangeiro por aqui. Não mesmo! Quase acabaram comigo. Da próxima vez, já sei que porco de qualquer lugar do mundo é tudo de estimação... e vou cobrar a taxa menor.

Voltou a recolher os porquinhos rapidamente, falando entre um fôlego e outro:

— Regra pode ser regra, mas ninguém engana o Mike Flannery duas vez com o mesmo truque... quando o negócio é carga viva, que se dane as regra. Enquanto o Flannery mandar neste escritório da ferrovia, porco é de estimação, vaca é de estimação, cavalo é de estimação, e leão, tigre e até as cabra das montanha são de estimação... e a taxa pra todos vai ser vinte e cinco centavos.

Fez uma longa pausa para que um dos meninos colocassem um cesto vazio no lugar daquele já abarrotado. Havia somente alguns poucos porquinhos-da-Índia sobrando. Ao ver seu número reduzido, sua habilidade natural de ver as coisas pelo lado bom retornou.

— Bem, sabe duma coisa? — disse bem-humorado. — Num foi tão ruim assim. Imagina se fosse elefante em vez de porco galego?

Notas

1. Santo padroeiro da Irlanda. Todo ano, no dia 17 de março, a Irlanda comemora o St. Patrick's Day em homenagem a São Patrício. Patrício, que se chamava Maewyn Succat, viveu no fim do século 4, durante a dominação romana da ilhas Britânicas. Acredita-se que ele tenha nascido nas regiões onde hoje ficam a Escócia e País de Gales — porém, não se sabe ao certo em qual das duas. Aos 16 anos, Succat foi sequestrado por piratas e levado à Irlanda. Quando finalmente conseguiu fugir, retornou para a região onde hoje fica a Inglaterra e entrou para a vida monástica. Foi nesse momento que ele adotou "Patrício" como nome seu cristão. Já adulto, Patrício voltou à Irlanda no papel de missionário. Hoje, ele é reconhecido como uma das figuras mais importantes na introdução do cristianismo entre a população celta. *(retornar)*

Pig is Pig

Ellis Parker Butler

Pig is Pig

Mike Flannery, the Westcote agent of the Interurban Express Company, leaned over the counter of the express office and shook his fist. Mr. Morehouse, angry and red, stood on the other side of the counter, trembling with rage. The argument had been long and heated, and at last Mr. Morehouse had talked himself speechless. The cause of the trouble stood on the counter between the two men. It was a soap box across the top of which were nailed a number of strips, forming a rough but serviceable cage. In it two spotted guinea-pigs were greedily eating lettuce leaves.

"Do as you loike, then!" shouted Flannery, "pay for thim an' take thim, or don't pay for thim and leave thim be. Rules is rules, Misther Morehouse, an' Mike Flannery's not goin' to be called down fer breakin' of thim."

"But, you everlastingly stupid idiot!" shouted Mr. Morehouse, madly shaking a flimsy printed book beneath the agent's nose, "can't you read it here-in your own plain printed rates? 'Pets, domestic, Franklin to Westcote, if properly boxed, twenty-five cents each.'" He threw the book on the counter in disgust. "What more do you want? Aren't they pets? Aren't they domestic? Aren't they properly boxed? What?"

He turned and walked back and forth rapidly; frowning ferociously.

Suddenly he turned to Flannery, and forcing his voice to an artificial calmness spoke slowly but with intense sarcasm.

"Pets," he said "P-e-t-s! Twenty-five cents each. There are two of them. One! Two! Two times twenty-five are fifty! Can you understand that? I offer you fifty cents."

Flannery reached for the book. He ran his hand through the pages and stopped at page sixty four.

"An' I don't take fifty cints," he whispered in mockery. "Here's the rule for ut. 'Whin the agint be in anny doubt regardin' which of two rates applies to a shipment, he shall charge the larger. The con-sign-ey may file a claim for the overcharge.' In this case, Mither Morehouse, I be in doubt. Pets thim animals may be, an' domestic they be, but pigs I'm blame sure they do be, an' me rules says plain as the nose on yer face, 'Pigs Franklin to Westcote, thirty cints each.' An' Mister Morehouse, by me arithmetical knowledge two times thurty comes to sixty cints."

Mr. Morehouse shook his head savagely. "Nonsense!" he shouted, "confounded nonsense, I tell you! Why, you poor ignorant foreigner, that rule means common pigs, domestic pigs, not guinea pigs!"

Flannery was stubborn.

"Pigs is pigs," he declared firmly. "Guinea-pigs, or dago pigs or Irish pigs is all the same to the Interurban Express Company an' to Mike Flannery. Th' nationality of the pig creates no differentiability in the rate, Misther Morehouse! 'Twould be the same was they Dutch pigs or Rooshun pigs. Mike Flannery," he added, "is here to tind to the expriss business and not to hould conversation wid dago pigs in sivinteen languages fer to discover be they Chinese or Tipperary by birth an' nativity."

Mr. Morehouse hesitated. He bit his lip and then flung out his arms wildly.

"Very well!" he shouted, "you shall hear of this! Your president shall hear of this! It is an outrage! I have offered you fifty cents. You refuse it! Keep the pigs until you are ready to take the fifty cents, but, by George, sir, if one hair of those pigs' heads is harmed I will have the law on you!"

He turned and stalked out, slamming the door. Flannery carefully lifted the soap box from the counter and placed it in a corner. He was not worried. He felt the peace that comes to a faithful servant who has done his duty and done it well.

Mr. Morehouse went home raging. His boy, who had been awaiting the guinea-pigs, knew better than to ask him for them. He was a normal boy and therefore always had a guilty conscience when his father was angry. So the boy slipped quietly around the house. There is nothing so

soothing to a guilty conscience as to be out of the path of the avenger. Mr. Morehouse stormed into the house. "Where's the ink?" he shouted at his wife as soon as his foot was across the doorsill.

Mrs. Morehouse jumped, guiltily. She never used ink. She had not seen the ink., nor moved the ink, nor thought of the ink, but her husband's tone convicted her of the guilt of having borne and reared a boy, and she knew that whenever her husband wanted anything in a loud voice the boy had been at it.

"I'll find Sammy," she said meekly.

When the ink was found Mr. Morehouse wrote rapidly, and he read the completed letter and smiled a triumphant smile.

"That will settle that crazy Irishman!" he exclaimed. "When they get that letter he will hunt another job, all right!"

A week later Mr. Morehouse received a long official envelope with the card of the Interurban Express Company in the upper left corner. He tore it open eagerly and drew out a sheet of paper. At the top it bore the number A6754. The letter was short. "Subject--Rate on guinea-pigs," it said, "Dr. Sir--We are in receipt of your letter regarding rate on guinea-pigs between Franklin and Westcote addressed to the president of this company. All claims for overcharge should be addressed to the Claims Department."

Mr. Morehouse wrote to the Claims Department. He wrote six pages of choice sarcasm, vituperation and argument, and sent them to the Claims Department.

A few weeks later he received a reply from the Claims Department. Attached to it was his last letter.

"Dr. Sir," said the reply. "Your letter of the 16th inst., addressed to this Department, subject rate on guinea-pigs from Franklin to Westcote, ree'd. We have taken up the matter with our agent at Westcote, and his reply is attached herewith. He informs us that you refused to receive the consignment or to pay the charges. You have therefore no claim against this company, and your letter regarding the proper rate on the consignment should be addressed to our Tariff Department."

Mr. Morehouse wrote to the Tariff Department. He stated his case clearly, and gave his arguments in full, quoting a page or two from the encyclopedia to prove that guinea-pigs were not common pigs.

With the care that characterizes corporations when they are systematically conducted, Mr. Morehouse's letter was numbered, O.K'd, and started through the regular channels. Duplicate copies of the bill of lading, manifest, Flannery's receipt for the package and several other pertinent papers were pinned to the letter, and they were passed to the head of the Tariff Department.

The head of the Tariff Department put his feet on his desk and yawned. He looked through the papers carelessly.

"Miss Kane," he said to his stenographer, "take this letter. 'Agent, Westcote, N. J. Please advise why consignment referred to in attached papers was refused domestic pet rates.'"

Miss Kane made a series of curves and angles on her note book and waited with pencil poised. The head of the department looked at the papers again.

"Huh! guinea-pigs!" he said. "Probably starved to death by this time! Add this to that letter: 'Give condition of consignment at present.'"

He tossed the papers on to the stenographer's desk, took his feet from his own desk and went out to lunch.

When Mike Flannery received the letter he scratched his head.

"Give prisint condition," he repeated thoughtfully. "Now what do thim clerks be wantin' to know, I wonder! 'Prisint condition, 'is ut? Thim pigs, praise St. Patrick, do be in good health, so far as I know, but I niver was no veternairy surgeon to dago pigs. Mebby thim clerks wants me to call in the pig docther an' have their pulses took. Wan thing I do know, howiver, which is they've glorious appytites for pigs of their soize. Ate? They'd ate the brass padlocks off of a barn door. If the paddy pig, by the same

token, ate as hearty as these dago pigs do, there'd be a famine in Ireland."

To assure himself that his report would be up to date, Flannery went to the rear of the office and looked into the cage. The pigs had been transferred to a larger box--a dry goods box.

"Wan, -- two, -- t'ree, -- four, -- five, -- six, -- sivin, -- eight!" he counted. "Sivin spotted an' wan all black. All well an' hearty an' all eatin' loike ragin' hippypottymusses. He went back to his desk and wrote.

"Mr. Morgan, Head of Tariff Department," he wrote. "Why do I say dago pigs is pigs because they is pigs and will be til you say they ain't which is what the rule book says stop your jollying me you know it as well as I do. As to health they are all well and hoping you are the same. P. S. There are eight now the family increased all good eaters. P. S. I paid out so far two dollars for cabbage which they like shall I put in bill for same what?"

Morgan, head of the Tariff Department, when he received this letter, laughed. He read it again and became serious.

"By George!" he said, "Flannery is right, 'pigs is pigs.' I'll have to get authority on this thing. Meanwhile, Miss Kane, take this letter: Agent, Westcote, N. J. Regarding shipment guinea-pigs, File No. A6754. Rule 83, General Instruction to Agents, clearly states that agents shall collect

from consignee all costs of provender, etc., etc., required for live stock while in transit or storage. You will proceed to collect same from consignee."

Flannery received this letter next morning, and when he read it he grinned.

"Proceed to collect," he said softly. "How thim clerks do loike to be talkin'! Me proceed to collect two dollars and twinty-foive cints off Misther Morehouse! I wonder do thim clerks know Misther Morehouse? I'll git it! Oh, yes! 'Misther Morehouse, two an' a quarter, plaze.' 'Cert'nly, me dear frind Flannery. Delighted!' Not!"

Flannery drove the express wagon to Mr. Morehouse's door. Mr. Morehouse answered the bell.

"Ah, ha!" he cried as soon as he saw it was Flannery. "So you've come to your senses at last, have you? I thought you would! Bring the box in."

"I hev no box," said Flannery coldly. "I hev a bill agin Misther John C. Morehouse for two dollars and twinty-foive cints for kebbages aten by his dago pigs. Wud you wish to pay ut?"

"Pay-- Cabbages-- !" gasped Mr. Morehouse. "Do you mean to say that two little guinea-pigs--"

"Eight!" said Flannery. "Papa an' mamma an' the six childer. Eight!"

For answer Mr. Morehouse slammed the door in Flannery's face. Flannery looked at the door reproachfully.

"I take ut the con-sign-y don't want to pay for thim kebbages," he said. "If I know signs of refusal, the con-sign-y refuses to pay for wan dang kebbage leaf an' be hanged to me!"

Mr. Morgan, the head of the Tariff Department, consulted the president of the Interurban Express Company regarding guinea-pigs, as to whether they were pigs or not pigs. The president was inclined to treat the matter lightly.

"What is the rate on pigs and on pets?" he asked.

"Pigs thirty cents, pets twenty-five," said Morgan.

"Then of course guinea-pigs are pigs," said the president.

"Yes," agreed Morgan, "I look at it that way, too. A thing that can come under two rates is naturally due to be classed as the higher. But are guinea-pigs, pigs? Aren't they rabbits?"

"Come to think of it," said the president, "I believe they are more like rabbits. Sort of half-way station between pig and rabbit. I think the question is this--are guinea-pigs of the domestic pig family? I'll ask professor Gordon. He is authority on such things. Leave the papers with me."

The president put the papers on his desk and wrote a letter to Professor Gordon. Unfortunately the Professor was in South America collecting zoological specimens, and the letter was forwarded to him by his wife. As the Professor was in the highest Andes, where no white man had ever

penetrated, the letter was many months in reaching him. The president forgot the guinea-pigs, Morgan forgot them, Mr. Morehouse forgot them, but Flannery did not. One-half of his time he gave to the duties of his agency; the other half was devoted to the guinea-pigs. Long before Professor Gordon received the president's letter Morgan received one from Flannery.

"About them dago pigs," it said, "what shall I do they are great in family life, no race suicide for them, there are thirty-two now shall I sell them do you take this express office for a menagerie, answer quick."

Morgan reached for a telegraph blank and wrote:

"Agent, Westcote. Don't sell pigs."

He then wrote Flannery a letter calling his attention to the fact that the pigs were not the property of the company but were merely being held during a settlement of a dispute regarding rates. He advised Flannery to take the best possible care of them.

Flannery, letter in hand, looked at the pigs and sighed. The dry-goods box cage had become too small. He boarded up twenty feet of the rear of the express office to make a large and airy home for them, and went about his business. He worked with feverish intensity when out on his rounds, for the pigs required attention and took most of his time. Some months later, in desperation, he seized a sheet of paper and wrote "160" across it and mailed it to Morgan.

Morgan returned it asking for explanation. Flannery replied:

"There be now one hundred sixty of them dago pigs, for heavens sake let me sell off some, do you want me to go crazy, what."

"Sell no pigs," Morgan wired.

Not long after this the president of the express company received a letter from Professor Gordon. It was a long and scholarly letter, but the point was that the guinea-pig was the *Cava aparoea* while the common pig was the genius *Sus* of the family *Suidae*. He remarked that they were prolific and multiplied rapidly.

"They are not pigs," said the president, decidedly, to Morgan. "The twenty-five cent rate applies."

Morgan made the proper notation on the papers that had accumulated in File A6754, and turned them over to the Audit Department. The Audit Department took some time to look the matter up, and after the usual delay wrote Flannery that as he had on hand one hundred and sixty guinea-pigs, the property of consignee, he should deliver them and collect charges at the rate of twenty-five cents each.

Flannery spent a day herding his charges through a narrow opening in their cage so that he might count them.

"Audit Dept." he wrote, when he had finished the count, "you are way off there may be was one hundred and sixty

dago pigs once, but wake up don't be a back number. I've got even eight hundred, now shall I collect for eight hundred or what, how about sixty-four dollars I paid out for cabbages."

It required a great many letters back and forth before the Audit Department was able to understand why the error had been made of billing one hundred and sixty instead of eight hundred, and still more time for it to get the meaning of the "cabbages."

Flannery was crowded into a few feet at the extreme front of the office. The pigs had all the rest of the room and two boys were employed constantly attending to them. The day after Flannery had counted the guinea-pigs there were eight more added to his drove, and by the time the Audit Department gave him authority to collect for eight hundred Flannery had given up all attempts to attend to the receipt or the delivery of goods. He was hastily building galleries around the express office, tier above tier. He had four thousand and sixty-four guinea-pigs to care for! More were arriving daily.

Immediately following its authorization the Audit Department sent another letter, but Flannery was too busy to open it. They wrote another and then they telegraphed:

"Error in guinea-pig bill. Collect for two guinea-pigs, fifty cents. Deliver all to consignee."

Flannery read the telegram and cheered up. He wrote out a bill as rapidly as his pencil could travel over paper and ran all the way to the Morehouse home. At the gate he stopped suddenly. The house stared at him with vacant eyes. The windows were bare of curtains and he could see into the empty rooms. A sign on the porch said, "To Let." Mr. Morehouse had moved! Flannery ran all the way back to the express office. Sixty-nine guinea-pigs had been born during his absence. He ran out again and made feverish inquiries in the village. Mr. Morehouse had not only moved, but he had left Westcote. Flannery returned to the express office and found that two hundred and six guinea-pigs had entered the world since he left it. He wrote a telegram to the Audit Department.

"Can't collect fifty cents for two dago pigs consignee has left town address unknown what shall I do? Flannery."

The telegram was handed to one of the clerks in the Audit Department, and as he read it he laughed.

"Flannery must be crazy. He ought to know that the thing to do is to return the consignment here," said the clerk. He telegraphed Flannery to send the pigs to the main office of the company at Franklin.

When Flannery received the telegram he set to work. The six boys he had engaged to help him also set to work. They worked with the haste of desperate men, making cages out of soap boxes, cracker boxes, and all kinds of

boxes, and as fast as the cages were completed they filled them with guinea-pigs and expressed them to Franklin. Day after day the cages of guineapigs flowed in a steady stream from Westcote to Franklin, and still Flannery and his six helpers ripped and nailed and packed--relentlessly and feverishly. At the end of the week they had shipped two hundred and eighty cases of guinea-pigs, and there were in the express office seven hundred and four more pigs than when they began packing them.

"Stop sending pigs. Warehouse full," came a telegram to Flannery. He stopped packing only long enough to wire back, "Can't stop," and kept on sending them. On the next train up from Franklin came one of the company's inspectors. He had instructions to stop the stream of guinea-pigs at all hazards. As his train drew up at Westcote station he saw a cattle car standing on the express company's siding. When he reached the express office he saw the express wagon backed up to the door. Six boys were carrying bushel baskets full of guinea-pigs from the office and dumping them into the wagon. Inside the room Flannery, with his coat and vest off, was shoveling guinea-pigs into bushel baskets with a coal scoop. He was winding up the guinea-pig episode.

He looked up at the inspector with a snort of anger.

"Wan wagonload more an, I'll be quit of thim, an' niver will ye catch Flannery wid no more foreign pigs on his

hands. No, sur! They near was the death o' me. Nixt toime I'll know that pigs of whaiver nationality is domestic pets--an' go at the lowest rate. "

He began shoveling again rapidly, speaking quickly between breaths.

"Rules may be rules, but you can't fool Mike Flannery twice wid the same thrick--whin ut comes to live stock, dang the rules. So long as Flannery runs this expriss office--pigs is pets--an' cows is pets--an' horses is pets--an' lions an' tigers an' Rocky Mountain goats is pets--an' the rate on thim is twinty-foive cints."

He paused long enough to let one of the boys put an empty basket in the place of the one he had just filled. There were only a few guinea-pigs left. As he noted their limited number his natural habit of looking on the bright side returned.

"Well, annyhow," he said cheerfully, "'tis not so bad as ut might be. What if thim dago pigs had been elephants!"

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!

EXPEDIENTE

INSTITUTO MOJO DE COMUNICAÇÃO INTERCULTURAL

Presidente: Ricardo Giassetti

Tesoureiro: Alexandre Storari

Diretores: Gabriel Naldi, Larissa Meneghini, Tatiana Bornato

contato@mojo.org.br

Tradução e edição © 2020 Instituto Mojo de Comunicação Intercultural

CNPJ: 30.726.775/0001-00

PORCO É PORCO

Porco é porco, de Ellis Parker Butler

Publicado originalmente em https://en.wikisource.org/wiki/Pigs_Is_Pigs

Edição bilíngue português-inglês.

Texto integral sem adaptação.

Edição: Gabriel Naldi

Tradução: Ricardo Giassetti

Capa: Station Uithoorn, F.J. Vermeulen, 1890 - 1920
(Rijks Museum)

Editoração EPUB: Fernando Ribeiro

Atualize-se sobre novas edições deste e de outros ebooks
ou faça o download para outros sistemas de ereading em:

<http://mojo.org.br/ebooks/>



O Instituto Mojo de Comunicação Intercultural é uma iniciativa social, sem fins lucrativos. Para publicar os livros digitais gratuitamente em português, contamos com doações, prestação de serviços editoriais e de tradução, projetos corporativos e institucionais, leis de incentivo e parcerias com o setor público e privado.

Descubra em nosso site todas as modalidades de contribuição. Associe-se, divulgue, leia, conte as histórias.

A reprodução não autorizada desta publicação, em todo ou em parte, fora das permissões do Projeto Domínio ao Público, do Instituto Mojo, constitui violação de direitos autorais (Lei 9.610/98).

Consulte: www.dominioaopub.org.br/permissoes

Ao encontrar erros de tradução, digitação, contexto e outros, você é bem-vindo a colaborar com o Instituto Mojo. Envie um e-mail com as suas observações para contato@mojo.org.br com o nome do e-book no campo “assunto”. Obrigado!